

# Governo já estuda a transferência das favelas do litoral

O Governo, prefeituras da Grande Vitória, entidades civis e iniciativa privada decidiram criar o Comitê de Desenvolvimento Urbano e Habitação Popular, numa tentativa de alocar habitações, transferindo os invasores de áreas marinhas da Rodovia do Sol para loteamentos em zonas que não afetem o turismo capixaba. O projeto piloto está sendo executado na área da Lagoa de Jabaeté, que tem acesso à direita da Rodovia do Sol.

Pretende-se construir casas em regime de mutirão, a baixo custo. A área da lagoa de Jabaeté conta com cinco mil lotes. O curioso é que, segundo Ana Amélia da Costa Moraes, uma das coordenadoras do Comitê, o loteamento já estava sendo invadido. O pessoal foi retirado e os trabalhos de terraplenagem já foram iniciados.

## Situação

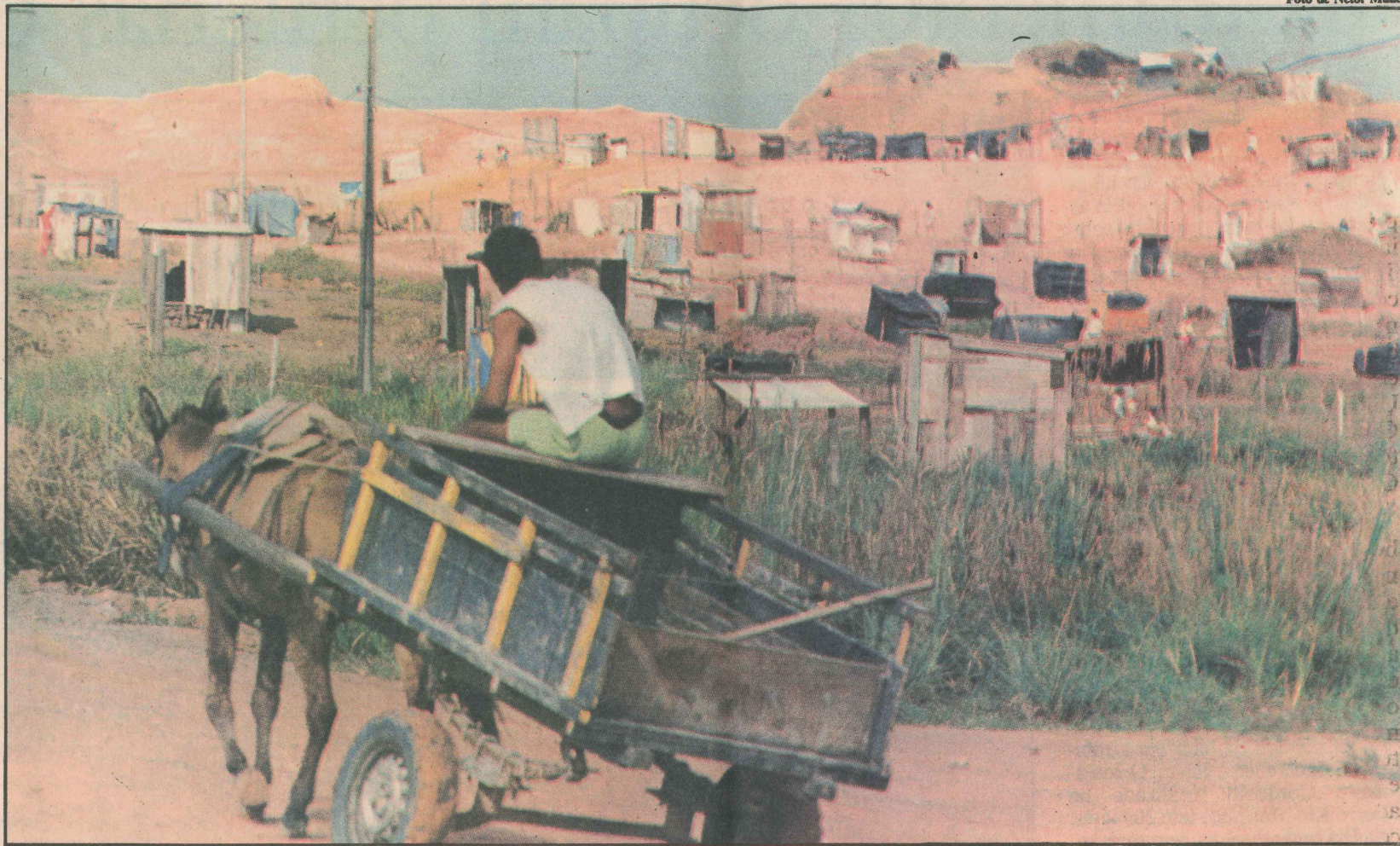
Segundo Ana Amélia, o Movimento de Moradia de Vila Velha tem um cadastro de 30 mil famílias solicitando moradia somente naquele município. "Existe uma indústria da invasão", alerta a coordenadora. Ela acredita, no entanto, que a partir do momento em que os invasores sentirem a organização do movimento de moradia vão se intimidar.

O Comitê está atuando junto às entidades civis de moradia, que estão cadastrando os invasores para que possam ser transferidos para loteamentos tipo o da lagoa Jabaeté. Ana Amélia aposta que a demanda por moradia na Capital capixaba chega a 100 mil unidades habitacionais. O sistema de mutirão que será utilizado nos loteamentos aproveitará a própria mão-de-obra dos invasores.

A idéia de transferir as áreas invadidas da Rodovia do Sol partiu do secretário de Desenvolvimento Econômico, Paulo Augusto Vivacqua, que chegou a declarar à imprensa ser "contra a hipocrisia e safadeza que existe em nossa sociedade, que deixa ocupar morros, viver debaixo de pontes e ocupar o litoral de maneira desordenada".

O plano do Governo tem três pontos básicos, conforme já noticiado na Inpresa: fazer triagem

**O movimento de moradia de Vila Velha já cadastrou 30 mil famílias naquele município. Enquanto isso, a indústria da invasão continua avançando, amparada por milhares que não têm onde morar e acabam ocupando áreas de alto valor de mercado**



*ênencia das favelas do litoral.*

*7.11*

O plano do Governo tem três pontos básicos, conforme já noticiado na Inpressão: fazer triagem das pessoas que chegam ao Espírito Santo para evitar distorções; e o Governo comprar áreas de 30 a 40 quilômetros do centro de Vitória para fazer assentamento urbanizado, construindo casas através de mutirão, associando a essa urbanização um sistema de transporte público. Por fim, fazer um planejamento sócio-econômico da região, utilizando a mão-de-obra dos moradores para construção de residências e para implantar hortos comunitários.

## Invasão onera custos sociais do Governo

A área mais crítica não está nos loteamentos das periferias e sim nas invasões de terra. A afirmação é do gerente Comercial da Cesan, Sebastião Fortes Coelho, justificando que não se tem controle sobre a situação. A Cesan detectou que já existem 2.800 ligações de água irregulares em áreas de invasão e pelo menos 900 moradias não possuem nenhum tipo de abastecimento de água. Acredita-se que, nestes casos, os invasores utilizam poços e carregam água para suas casas em latas ou baldes. Em loteamentos irregulares, 670 casas não têm abastecimento de água e 890 estão com abastecimento irregular, geralmente feito através de mangueiras.

Sebastião Coelho informa que é muito difícil para a Cesan detectar esses abastecimentos irregulares. Os técnicos vão ao local, retiram as mangueiras e, horad depois, tudo volta ao que era antes. O ponto mais crítico está nas áreas de invasão, que ocorrem em progressão geométrica. "As invasões são um problema para toda a sociedade. Se houve investimentos nestas áreas, não se tem retorno". Para Coelho, os governos estadual e municipal deveriam tomar uma providência. "Afinal, alguém tem que pagar a conta de água", brinca com bom humor.

Uma forma de não estimular as invasões é não colocar rede de água ou energia elétrica, ou seja, deixar estas áreas sem nenhuma infraestrutura. Acontece que isso não tem efeito por muito tempo, já que os próprios invasores encontram alternativas, fazendo "gatos", puxando água da rede mais próxima em mangueiras ou perfurando poços para retirar água em latões. O desvio de energia elétrica e furto de cabos e fios representam para a Escelsa 13% da energia produzida pela empresa. Isso significa um mês de faturamento.